

O Riacho do Pajehú

O Ceará é fértil em esquecer seus homens e suas cousas.

A não serem os veteranos da guerra do Paraguay, lembrados quase que exclusivamente pela alma generosa de José Lino, que nunca esqueceu os feitos de Tiburcio e de Sampaio,—não perdendo nunca ocasião de os proclamar aos coevos,—tudo mais cae na vala commum do esquecimento.

Neste caso está o pequeno riacho do Pajehú, que, pelo facto de ser o unico curso perenne do Estado, não deveria ser esquecido como é, e omissão até nos mappas hydrographicos, apesar de dizer o velho brocardo que, «na terra de cegos quem tem um só olho é rei!»

Não se tenham duvidas. O Pajehú não deveria ser esquecido, porque presta grandes serviços á nossa capital.

Nascendo nas proximidades da Praça do Carmo (!) banha toda a parte sul da cidade, alimenta, com o seu liquido de suspeita chrystallinidade o «Parque da Independencia», atravessa todos os dominios murados do Arcebispo e dos millionarios Boris, e esgalha-se, depois, em procura do Atlantico.

O padre Barbosa de Jesus, combatendo scientificamente a agua contaminada de «boubá», do «Acarape», affirma que o pequeno riacho poderá abastecer toda Fortaleza, de agua potavel. Isto, dizendo-se, assim, de passagem, parece uma pilheria; entretanto, o reverendo padre Barbosa explica com muita logica o seu processo, o qual, não é o de se tirar agua directamente—do riacho, como fazem no Rio-Negro e outros grandes rios nacionaes e estrangeiros, mas cavando-se cacimbões ás suas margens.

Deixemos pois o grande projecto do padre Barbosa de Jesus que, infelizmente não foi bem comprehendido pelos seus collegas de engenharia sacerdotal, e voltemos a apreciar, á parte, o serviço hygienico que presta á cidade, o riacho do Pajehú.

Não é pequena a quantidade de peixes (piabas e carás) que fornece o Pajehú, á benemerita empresa Rockefeller, para a extincção dos mosquitos que tanto nos maltratam e nos ameaçam com a perigosa febre amarella e outras molestias vehiculadas pela acção dos alados imperitinentes.

Ainda em 1914, quando a jagunçada do cau-

dilho Floro, ameaçava, de Mondubim, Mecejana e Porangaba, assaltar a nossa capital, estabelecendo o panico no meio da população, foi o riacho do Pajehú que, na sua missão de hygienizador da cidade, desinfectou Fortaleza, pelo *braço forte da lavadeira cearense...*

Vive, entretanto, esse rio perenne esquecido de nós e até mesmo dos mappas...

São cousas do Ceará.

R. RAMOS